

## A CONQUISTA DAS TERRAS INDÍGENAS

### META

Ajudar o aluno a refletir sobre o processo de desintegração das sociedades indígenas que foi gerado a partir da chegada dos europeus ao Novo Mundo.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

analisar quais foram as condições em que se deu a conquista das terras indígenas, durante o processo de conquista das Américas.

### PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das aulas anteriores.



Fator decisivo para a conquista espanhola do México foram os constantes acordos entre Cortez e Montezuma II.

(Fontes: <http://terceiraom3.files.wordpress.com>)

### INTRODUÇÃO

Caro aluno, querida aluna: é muito difícil precisar o que se passou na cabeça dos europeus quando eles se encontraram com a diversidade dos povos que habitavam estas terras. Muito provavelmente nem um nem outro conseguiu compreender-se mutuamente. Havia uma completa incapacidade de entendimento de ambas as partes, porque os seus referenciais simbólicos eram completamente diferentes.

O resultado desse encontro entre dois mundos absolutamente distintos resultou em tragédia. Vejamos o diz o Professor Jorge Luiz Ferreira (1992: 7) sobre o referido tema:

No início do século XVI, duas civilizações com experiências históricas e culturais completamente diferentes encontraram-se nas terras americanas. Os homens vindos da Europa, sequeiros de prestígio e de riqueza, logo se depararam com as civilizações do Novo Mundo. As populações americanas, por sua vez, surpresas com a chegada de homens tão estranhos, inicialmente não souberam distinguir se os estrangeiros eram realmente homens ou se se tratava da chegada de deuses. O olhar conquistador e aventureiro dos europeus cruzou com o olhar de estupor e de receio dos habitantes da América. O resultado dificilmente poderia ser outro: ocorreu nesta época o maior genocídio de que se tem conhecimento na História.

Como podemos notar, na ótica dos conquistados, o encontro com os europeus foi realmente desastroso. Ele simbolizou a desestruturação completa do universo que aprendemos a apreciar nos capítulos anteriores.

A degradação foi total: política, religiosa, administrativa e, principalmente, humana. Os habitantes do Novo Mundo perderam completamente suas referências, tornaram-se desenraizados. Foi como se, de uma hora para outra, tudo que você acreditasse: sua história, suas crenças, seus familiares etc. lhes fossem tirados abruptamente. Assim sendo, com a chegada dos europeus aprofundou-se na América “uma cultura” que até hoje não nos abandonou: a cultura da violência.



Francisco Pizarro, responsável pela conquista espanhola no Peru.

(Fontes: <http://www.tienda-medieval.com>)

## A DESESTRUTURAÇÃO DAS BAIXAS CULTURAS PRÉ-COLOMBIANAS

Caro aluno, querida aluna: você aprendeu que os povos que habitaram a América não-andina foram chamados pelos antropólogos de baixas culturas pré-colombianas. Ou seja, aquelas culturas que se desenvolveram nas terras baixas das Américas, em contra partida as que se desenvolveram nas terras altas, formavam uma zona cultural com características relativamente semelhantes, porém nunca iguais. Pois bem, vamos então compreender, inicialmente, como se deu o processo de desestruturação desses povos.

Nessa imensa região, não se pode calcular precisamente qual era a quantidade de habitantes que aqui existiam quando os europeus chegaram. Os recursos científicos que dispomos não nos permitem, atualmente, fazer tal avaliação. Mesmo porque as populações autóctones dispersaram-se para regiões cada vez mais distantes, pois se tornou necessário fugir não só da guerra de conquista, como dos maus tratos provenientes da escravização.

Contudo, as estatísticas mais otimistas afirmam que, como já vimos anteriormente, só na região da Amazonas e na costa nordeste do Brasil, havia uma população de cerca de 6,8 milhões de pessoas. Obviamente que esse é um número aproximado, visto que a quantidade real é muito difícil de ser precisada. (Sobre o referido tema ver: Revista Escola, O índio redescoberto. Ano XIV, nº. 121, abril de 1999. pp. 10-21 ou em <http://www.novaescola.com.br>)

Não dispomos, também, de uma grande quantidade de fontes que nos ajudem a entender como se deu a desestruturação das baixas culturas pré-colombianas; portanto, utilizaremos como exemplo o estudo as diferentes fases da ocupação do território brasileiro que nos foram apresentadas por Egon Heck e Benedito Prezina (1999:21-40) no livro intitulado Povos indígenas: terra é vida.

1º. A Fase Litorânea (1500-1640): Foi o momento do escambo, no qual os indígenas ficaram inicialmente encantados com os novos objetos que os europeus lhes traziam, eram: machados, facões e enxadas. Nessa fase, os portugueses estabeleceram feitorias para que o pau-brasil fosse armazenado e trocado pelos produtos citados. Foi também o tempo em que os jesuítas começaram a estabelecer aldeamentos com a finalidade de “catequizar” os índios. Contudo, esse foi ainda o tempo das guerras de conquista (guerra justa), visto que os indígenas passaram a ser escravizados e tratados com muita violência; o que os obrigou a fugirem para o interior da colônia.

2º. A Fase Bandeirista (1573-1756): Ficou conhecido na História do Brasil como ciclo da caça ao índio. Nessa fase, organizaram-se, principalmente na região do atual estado de São Paulo, as primeiras expedições de penetração no interior do território brasileiro com o objetivo de aprisionar os índios para serem, posteriormente, escravizados. Essas expedições recebiam o

nome de apresamento. Na realidade, o que se praticou foi o tráfico indiscriminado de seres humanos.

3°. A Fase Sertaneja (1624-1758): Essa fase foi marcada pela criação do gado e a utilização de rotas que conduziram os tropeiros para o interior da colônia (criação de currais), onde viviam vários grupos indígenas. Foi também o período onde eclodiram as primeiras revoltas organizadas, nas quais caboclos de ascendência indígena começaram a reagir de forma armada contra os invasores de suas terras.

4°. A fase Amazônica (1616-1832): Foi marcado por uma maior interiorização dos padres, principalmente jesuítas, na região norte da colônia. Nessa região, houve um processo de catequização bastante avançado onde os índios eram aculturados em reduções. Dessa forma, eles eram considerados índios pacificados, os quais eram visados pelos fazendeiros que os queriam trabalhando em suas terras. Tal conflito de interesses levou padres e fazendeiros a brigarem pelo direito de posse dos índios. Os referidos conflitos obtiveram tamanha relevância que, em meados do século XVIII, os padres jesuítas foram expulsos do Brasil. Abria-se, dessa forma, o espaço para que os colonos avançassem indiscriminadamente sobre terras indígenas. Fato esse que gerou inumeráveis conflitos que se estendem até os nossos dias.

A partir de 1822, com a separação administrativa do Brasil de Portugal, instauraram-se leis que, de certa maneira, reconheciam a existência de comunidades indígenas em território brasileiro. Referimo-nos a famosa Lei da Terra de 1850. O citado documento legal estabelecia que só era verdadeiramente dono da terra quem a registrasse em cartório. No mais, criava a ideia de terras devolutas, ao determinar que os aldeamentos indígenas que não possuíssem uma quantidade suficiente de habitantes, deveriam ser considerados sem dono e, portanto, tornavam-se passíveis de serem invadidos por qualquer latifundiário; que posteriormente poderia registrar a terra como sendo sua.

Contudo, somente no início do século XX, mais precisamente em 1910, foi que o governo republicano do Brasil começou a promover ações efetivas de reconhecimento da existência de comunidades indígenas neste território. Nesse sentido, foi criado o Serviço de Proteção ao Índio, coordenado pelo Marechal Candido Mariano da Silva Rondon que, junto com outros militares brasileiros, empreenderam uma importante missão, cujo objetivo era avaliar a real situação dos povos indígenas do país.

Não obstante tal fato, o extermínio continuava a existir. Tornava-se, portanto, muito longínquo o sonho de ver o reconhecimento dos povos indígenas como fazendo parte significativa da população de cidadãos deste imenso país.

## A DESESTRUTURAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO ASTECA

Depois do que foi estudado nos capítulos anteriores, torna-se evidente que poucos povos da terra tiveram uma História tão rica em detalhes quanto a dos povos pré-colombianos. Assim sendo, parece-nos normal que os conquistadores europeus tenham se surpreendido com o elevado grau de desenvolvimento tecnológico alcançado por essas culturas até aquela época.

Eles também se mostraram horrorizados com o comportamento de alguns povos que praticavam sacrifícios humanos ou devoravam as carnes de outras pessoas. Baseados neste “estopim cultural”, a bomba explodiu e os europeus não hesitaram em cometer as maiores atrocidades possíveis contra os habitantes do Novo Mundo.

Ávidos por ouro e prata, espanhóis, portugueses e ingleses empreenderam uma verdadeira empresa colonial que atendia aos interesses mercantis dos seus respectivos Estados Absolutistas. Apoiados nesse objetivo, eles removeram as terras das Américas, saquearam os templos que os nativos haviam edificado para os seus deuses, destruíram monumentos e, principalmente, destroçaram vidas. Em seu lugar, ergueram cidades com imensas catedrais edificadas sobre o alicerce dos edifícios construídos pelos índios, renomearam suas terras e seus habitantes e ensinaram que tudo que eles faziam estava errado, pois não se encontrava de acordo com os pressupostos culturais da Europa Cristã.

Assim aconteceu com os Astecas em 1519, quando Hernán Cortés desembarcou na região onde se encontra o México. Com pouco mais de 500 homens, eles destruíram uma poderosa confederação, onde somente a capital, Tenochtitlán, tinha mais habitantes que qualquer cidade europeia da época.

Na realidade, os espanhóis possuíam poderosas armas de fogo, dentre as quais estavam incluídos os canhões. Tais artefatos eram desconhecidos pelos Astecas que temiam, inclusive, o barulho que elas produziam e o fogo que delas emanava. Contudo, esse não foi o fator preponderante para a vitória. Acredita-se, inclusive, que a habilidade dos espadachins espanhóis tenha sido mais relevante que o seu poderio bélico.

Junto a essa capacidade destrutiva encontrava-se a agilidade de 16 cavalos que podiam mover-se com maior velocidade que os guerreiros astecas. Porém nem isso foi decisivo na luta, pois os indígenas logo aprenderam a guerrear contra os cavaleiros.

Muito provavelmente, o fator decisivo para a conquista do México foram os acordos que os espanhóis conseguiram estabelecer com os povos que se encontravam submetidos ao poder de Montezuma II, então poderoso rei da Confederação Asteca.

Os referidos povos encontravam-se submetidos aos violentos sacrifícios

rituais praticados em praça pública para acalmar os deuses Astecas. Além disso, eram obrigados a pagar inúmeros tributos que exauriam as forças dos seus trabalhadores. Em suma, a opressão empreendida pelos Astecas sob seus súditos transformou-se em seu maior inimigo.

Como um habilidoso estrategista de guerra, Cortez soube como tirar proveito da contenda a seu favor e, dessa forma, abasteceu seu exército com a revolta dos inimigos dos Astecas, que multiplicaram as fileiras de suas companhias militares.

Preste atenção a esse relato de um índio que lamentava os efeitos devastadores da guerra:

Nos caminhos jazem dardos quebrados;  
os cabelos estão espalhados.  
Destelhadas estão as casas,  
Incandescentes estão seus muros.  
Vermes abundam por ruas e praças,  
E as paredes estão manchadas de miolos arrebetados.  
Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido,  
e se as bebíamos, eram águas de salitre.  
Golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade  
E nos restava por herança uma rede de buracos.  
Nos escudos esteve nosso resguardo,  
mas os escudos não detém a desolação.

FONTE: LEÓN-PORTILLA, Miguel. A conquista da América latina vista pelos índios. Petrópolis: Vozes, 1984, pp. 16-18.

Provavelmente sem o apoio dos inimigos dos Astecas, o conquistador do México jamais seria capaz de derrotar o organizado exército do inimigo, que se movimentava dentro do seu próprio território.

Não obstante tal fato, os aliados tornaram-se súditos dos espanhóis, pois muito pronto descobriram que foram simplesmente utilizados como peças de uma estratégia pragmática de guerra. Agora os seus senhores provinham não mais do centro do México, mas do outro lado do mar.

Também descobriram que a ação devastadora das guerras não acaba quando cessam os conflitos, ela continua em meio aos efeitos colaterais do encontro abrupto entre povos tão diferentes. Referimo-nos as doenças trazidas pelos invasores que, pouco a pouco, dizimaram não só os Astecas, mais também os nativos que apoiaram os espanhóis.

Dentre essas doenças existiam agentes epidemiológicos estranhos aos anticorpos dos nativos das Américas. Dessa forma; o sarampo, a varíola ou uma simples gripe causavam pandemias que ceifavam mais vidas que o poder de mil armas de fogo.

Além disso, Hernán Crórtex contou com a ajuda de dois aliados muito importantes: Jerônimo Aguilar, que havia sido prisioneiro dos Maias-Toltecas da Península de Yucatán e que, portanto, conhecia um dos idiomas mais falados pelos Astecas, o náhuatl; e Malinche uma das jovens oferecidas a Cortéz pelos nativos de Tabasco. Ela conhecia muito bem os Astecas, pois havia sido prisioneira deles e nutria-lhes um ódio mortal.

Os espanhóis sabiam, por exemplo, que os Astecas guerreavam diferente deles, pois em vez de matar o inimigo, eles os aprisionavam para, em seguida, oferece-lhes em sacrifício a Huitzilopochtli, o deus Asteca da guerra.

Quando Cortez chegou a Tenochtitlán completava-se o ciclo de 52 anos do calendário Asteca, sobre o qual recaía a profecia de que o deus civilizador Quetzalcatl voltaria à terra para destruí-los. Assim sendo, a princípio Montezuma II acreditava que os espanhóis fossem deuses e, portanto, tratou-os com profunda reverência não ousando enfrentá-los. O rei foi pacífico e clemente e não esboçou a mínima resistência, mesmo quando foi feito prisioneiro. A reação aconteceu quando os espanhóis atiraram em alguns religiosos que faziam uma procissão cerimonial. Apesar do sufoco, Cortéz conseguiu fugir e regimentar alguns reforços que, finalmente, destituíram os Astecas do seu poder absoluto sobre Mesoamérica.

## A DESESTRUTURAÇÃO DO IMPÉRIO INCA

Francisco Pizarro era um oficial espanhol de segundo escalão, que possuía ascendência nobre. Ele foi incumbido de reunir alguns soldados com a finalidade de explorar a região sul das Américas; com o objetivo de averiguar se era realmente verdade que naquela região exista um povo muito próspero que possuía incontáveis tesouros.

Pizarro conseguiu reunir um exército composto por 200 homens bem armados e 27 cavalos. Contudo, somente depois de duas tentativas foi possível desembarcar na referida região; era o ano de 1530.

Ao chegar ao Peru, os espanhóis encontraram o Império Incaico devastado por uma violenta guerra civil, que se dividia entre duas facções: Por um lado estavam os súditos fiéis a Huáscar, o legítimo sucessor de Huayna Capac, e, de outro, encontravam-se os correligionários do seu meio-irmão Atahuallpa, que reivindicava o direito ao trono.

As relações internas dentro do Império estavam extremadas, pois Atahuallpa havia acabado de aprisionar Huáscar. Incentivados por tal fato, os homens do monarca deposto aliaram-se aos espanhóis, na esperança de que estes conseguissem libertar o seu líder. Além disso, acreditavam que os estrangeiros que haviam chegado pelo mar, tinham sido enviados pelos deuses no intuito de castigar Atahuallpa, por se haver rebelado contra o legítimo filho do sol.

Atahuallpa estava fora de Cuzco quando Pizarro manifestou o desejo

de encontrá-lo. Então, o usurpador do trono marcou um encontro entre eles em Cajamarca, na certeza de que seus soldados (muito mais numerosos) o protegeriam caso houvesse alguma ação agressiva por parte do pequeno exército espanhol.

Ao chegar ao local combinado, esperava-lhe um dos homens de Pizarro chamado Vicente de Valverde. Ele exigiu que o Imperador se convertesse ao catolicismo, sob pena de ser considerado um herege. Sem muito pestanejar, o Inca recusou-se enfaticamente. Tal ato custou-lhe o preço da liberdade e uma baixa de 2.000 homens no seu exército, visto que Pizarro havia-lhes preparado uma emboscada.

Contudo, em nenhum momento o Imperador foi maltratado. Foi-lhe permitido, inclusive, continuar sendo servido por seu séquito. Diante dessa pseudoamistosidade, Atahuallpa propôs ao invasor o seguinte acordo: ordenaria que se enchesse um quanto de ouro e outro de prata caso fosse posto em liberdade.

Na realidade, ambos estavam blefando: nem Pizarro pretendia libertar Atahuallpa, pois necessitava de sua influência, nem o Imperador tinha intenção de pagar o resgate. O que ele fez na verdade foi mandar matar Huáscar, que ainda estava sob o seu poder; pois temia que ele fosse usado como fantoche pelos espanhóis.

Ao tomar conhecimento do ocorrido, Pizarro acusa Atahuallpa de ser culpado de vários crimes, dentre eles o de ter conspirado contra o Rei da Espanha.

Antes de ser cumprida a sentença de morte, os padres católicos propuseram mais uma vez ao Imperador que se convertesse à fé cristã. Pensando que lhe seria poupada a vida, Atahuallpa aceitou e foi prontamente batizado. Era a noite de 29 de agosto de 1533; e como se tratava da execução à morte de um cristão, sua pena foi atenuada: em vez de morrer queimado; coube-lhe o direito de ter uma morte mais digna, e, para que seu corpo fosse preservado, o último herdeiro do poder teocrático do Incas foi estrangulado.

A partir desse momento, o Império começou a esfacelar-se. A desordem propagou-se pelo país onde antes existia uma organização administrativa irretocável. Então a fome e, conseqüentemente, as doenças acabaram de executar a tarefa que poucos homens não puderam cumprir: exterminar boa parte do povo quechua.

Por fim, as terras antes exploradas por uma produção planificada tornaram-se fazendas de gado pertencentes a encomenderos espanhóis. Enquanto que nas minas, como a de Potosí localizada na região da atual Bolívia, foram convertidas em centros de exploração do trabalho coletivo dos índios, através da manutenção da mita incaica.



## CONCLUSÃO

O processo de desestruturação gradual das sociedades indígenas teve início durante a conquista européia. A partir daí, uma grande quantidade de estrangeiros vieram para cá em busca de aventuras e, principalmente, de riquezas. A exploração do ouro e da prata tornou-se a obsessão de muitos e, conseqüentemente, transformou a vida dos indígenas sobreviventes ao massacre em algo verdadeiramente insuportável; visto que sua mão de obra foi explorada, tanto nas minas como na agricultura, dentro de um regime de servidão coletiva, submetida a tortuosos maus tratos.

## RESUMO

A destruição física e cultural das sociedades indígenas fez parte de um projeto inicial de estruturação da colonização das Américas por parte dos europeus.

Tantos as altas como as baixas culturas pré-colombianas viram-se envolvidas numa verdadeira catástrofe existencial. De pronto, todo o seu mundo sucumbiu.

Os habitantes das áreas baixas da América do Sul foram exterminados massivamente. Estima-se que somente na Amazônia e no nordeste brasileiro havia um total de 6 milhões de habitantes antes da chegada dos portugueses. Hoje a população total de índios no Brasil chega à casa dos 300 mil. Realmente, essa é uma diferença bastante significativa.

Na região das altas culturas pré-colombianas a coisa não foi diferente. Entre os Astecas, no ano de 1519, um pequeno grupo de 500 homens comandados por Hernán Córtez matou o Imperador Montezuma II e destruiu a Confederação Asteca. Poucos anos depois, em 1530, Francisco Pizarro, com apenas 200 homens e 17 cavalos, aprisionou e matou o Imperador Atahualpa, pondo fim ao Império Inca do Peru.

## ATIVIDADES

Leia com bastante atenção o texto proposto abaixo e responda as questões que se seguem:

A invasão ainda não acabou

A nossa história não começou há 500 anos. Nossa história aprofunda raízes num passado milenar.

O nosso continente, cujo nome é pronunciado diferentemente da Patagônia ao Alaska, exprime nas mãos e no olhar de seus filhos as muitas luas que forjaram o rosto dos astrônomos Asteca, dos



construtores Maia, dos guerreiros Inca, dos ourives Chibcha. No sangue de todos eles vibrava a voz dos sábios da aldeia, o perfume das plantas da floresta, os cantos dos ritos culturais à nossa mãe terra, o calor das mãos colhendo os frutos e o ardor dos preparativos de guerra.

A vida que surgia dos nossos povos foi destruída. A invasão teve como conseqüência o saque da mãe terra. Terra ferida pela voracidade de um império e de uma Igreja, que não hesitaram em utilizar o assassinato, a tortura e o nome de Deus para seqüestrar milhões de africanos, arrancados de suas famílias para serem explorados neste continente como massa escrava.

A invasão ainda não acabou. Continuamos a lutar e a resistir para chegarmos a ser povos autônomos.

Estes 500 anos devem ser ocasião para recuperar a semente de nossa identidade e para articular a luta com outros setores espoliados e oprimidos, num projeto global e alternativo de libertação.

FONTE: Texto conclusivo do Encontro Latino-americano das Organizações Indígenas realizado em Bogotá, na Colômbia, em outubro de 1988. Publicado em HECK, Egon e PREZIA, Benedito. Povos indígenas: terra é vida. 6ª ed., São Paulo: Atual, 1999, pp.33 e 34.

Tendo por base o texto proposto pergunta-se: Qual é a sua opinião sobre o processo de organização das comunidades indígenas? Você acredita que ele é realmente necessário?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A organização da sociedade civil seja em associações, sindicatos ou organizações não governamentais é o caminho mais democrático de participação popular na construção do seu próprio destino. As comunidades indígenas, assim como os demais segmentos da sociedade brasileira, têm o dever e o direito de se organizarem para lutar em defesa do seu povo. Como cidadãos brasileiros, os índios devem participar dos destinos deste país, pois constituem uma parcela significativa da nossa população. Além disso, como no caso das comunidades negras, a construção histórica da nossa nação é devedora aos nativos destas terras, por lhes haver tirado o direito de habitarem seus espaços naturais, por terem violado seus referências simbólicos e, principalmente, por haverem dizimado o seu povo.

## AUTO-AVALIAÇÃO

Ao final deste capítulo sou capaz de:

- 1º. Entender que o processo de conquista das Américas foi marcado pela desestruturação do universo físico e cultural das diferentes sociedades indígenas que habitavam estas terras.
2. Enumerar as várias fases que marcaram a ocupação do território brasileiro.
3. Explicar como seu deu a desestruturação da Confederação Asteca no México e o Império Inca no Peru.



## NA PRÓXIMA AULA

Refletiremos sobre os pressupostos que nos levam a crer que a América foi inventada antes de ser conquistada, ou seja, que ela já existia no imaginário europeu antes mesmo do desastroso encontro entre os dois mundos.



## REFERÊNCIAS

HECK, Egon e PREZIA, Benedito. **Povos indígenas: terra é vida.** 6ª ed., São Paulo: Atual, 1999, pp.33 e 34.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América latina vista pelos índios.** Petrópolis: Vozes, 1984, pp. 16-18.

PINSKY, Jaime (org.). **História da América através de textos.** 3ª ed., São Paulo: Contexto, 1991.

**Revista Escola**, O índio redescoberto. Ano XIV, nº. 121, abril de 1999. pp. 10-21 ou em <http://www.novaescola.com.br>

Leitura Recomendada

FERREIRA, Jorge Luiz. **Conquista e colonização da América Espanhol.** São Paulo: Ática, 1992.